

“Como por um espelho”: Um estudo sobre a interface interacional de rituais online católicos

Moisés SBARDELLOTTO ¹

1 Introdução

Dizia Paulo aos cristãos de Corinto: “Hoje vemos como por um espelho, confusamente; mas então veremos face a face” (1Co 13, 12). Com as tecnologias comunicacionais digitais e o surgimento de uma nova ambiência social, esse desejo de ver a face de Deus é renovado por meio da Internet. Assim, a religião também constrói e gera sentido ao fiel por meio de processualidades midiáticas, reconstruindo e ressignificando práticas religiosas tradicionais de acordo com os protocolos da Internet.

Essa nova interação comunicacional se estabelece, por meio da rede, mediante uma “ação entre” o fiel e elementos de sagrado² disponíveis em certos rituais online, possibilitando uma experiência³ religiosa por meio da rede. Chamam a nossa atenção aqui, portanto, estratégias para uma vivência de fé, uma modalidade interacional de experiência religiosa por meio da Internet. Isto é, ofertas de sentido religioso por meio das quais o fiel, onde quer que esteja, quando quer que seja – diante de um aparelho eletrônico conectado à Internet – desenvolve assim um novo vínculo com a Igreja e o transcendental, e um novo ambiente de culto, fora do âmbito tradicional do templo. Essa experiência da fé pode ser vivenciada por meio de serviços religiosos que se configuram como aquilo que aqui chamamos de *rituais online*, em que o fiel experiencia a sua fé e interage, por meio do sistema católico online⁴, com Deus: versões da Bíblia e de orações católicas; orientações com líderes religiosos; pedidos de oração; as chamadas “velas virtuais”; programas de áudio e vídeo; dentre muitas outras opções.

Essa interação fiel-Deus via Internet depende de complexos dispositivos comunicacionais. Por isso, analisamos aqui uma categoria específica que favorece esse vínculo e experiência religiosa: a *interface interacional*, ou seja, a materialidade tecnológica e simbólica dos sites católicos, âmbito que, a partir da internet, vai conhecendo novas possibilidades e limites. A interface possibilita a interação fiel-sistema, mas não a esgota: são os usos e apropriações do fiel – as operações por ele desenvolvidas no interior do sistema – a partir dela que permitem que a sua experiência religiosa ocorra na Internet. Assim, se a comunicação (suas lógicas, seus dispositivos, suas operações) está em constante evolução, a religião, ao fazer uso daquela, também acompanha essa evolução e é por ela impelida a algo diferente do que tradicionalmente era.

¹ Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). É coordenador do Escritório da Fundação Ética Mundial no Brasil (Stiftung Weltethos), com sede no Instituto Humanitas Unisinos (IHU). É bacharel em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: msbardelotto@yahoo.com.br.

² Por sagrado, entendemos aquilo que costuma se chamar por Deus, a dimensão da transcendência, o “totalmente Outro”, enfim, o “mistério divino”.

³ Conforme Martelli (1995, p.135), a experiência religiosa pode ser definida como “uma relação interior com a realidade transcendente”. Libanio (2002, p.92) a define como a “percepção da presença do sagrado por parte do sujeito que a faz”. Boff (2002, p.39) afirma que experiência é a “ciência ou o conhecimento que o ser humano adquire quando sai de si mesmo (ex) e procura compreender um objeto por todos os lados (peri)”, “objeto” que, na experiência religiosa, é o sagrado, Deus ou a própria religião.

⁴ Entendemos por sistema “um complexo de elementos em interação” (Bertalanffy, 1977, p.84). Aqui, ao usar o conceito de sistema, referimo-nos ao sistema comunicacional dos sites católicos institucionais, ou seja, ao conjunto de elementos comunicacionais e religiosos que interagem no interior das páginas eletrônicas de instituições oficiais, diretamente ligadas à Igreja, elementos esses que diferem em número, em espécie e em relações.

Aqui, faremos uma análise da interface de sites católicos em rituais online que mais nos oferecem marcas e sinais das interações ocorridas entre o sistema, o fiel e o sagrado. Veremos como os sites católicos visam a possibilitar uma experiência “face a face” de Deus, como afirmava Paulo aos coríntios, ocultando, sistematicamente, o “espelho” da técnica comunicacional. Para tanto, primeiramente, repassaremos os conceitos centrais deste estudo, como interação, interface e ritual. Posteriormente, analisaremos alguns rituais católicos online e suas interfaces interacionais, a partir de quatro elementos simbólicos e tecnológicos: 1) a tela; 2) periféricos como teclado e mouse; 3) a estrutura organizacional dos conteúdos; e 4) a composição gráfica das páginas em que se encontram disponíveis os serviços e rituais católicos. Por fim, apresentaremos algumas pistas de conclusão, argumentando que a fé digital traz consigo uma materialidade totalmente própria, que também altera a religião tradicional.

2 Interface Interacional em Rituais Online

Nos sites e serviços católicos, apresentam-se claros sinais de “elementos em interação”. O fiel é convocado a interagir com o sagrado, que lhe é oferecido. Mas o que é interação? É uma *ação-entre*, “ações recíprocas que modificam o comportamento ou a natureza dos elementos, corpos, objetos ou fenômenos que estão presentes ou se influenciam” (MORIN, 1997, p.53). Ou seja, são as ações, reações e transações entre fiel-sistema para a construção de sentido religioso. Por meio delas, fiel e sistema se “agitam”, “perturbam-se” mutuamente, em fluxos contrários e que assim se inter-relacionam, ou seja, formam associações, ligações, combinações: em suma, comunicam-se.

Essa interação, como dizíamos, se dá em rituais online católicos, ou seja, nos *atos e práticas de fé* desenvolvidos pelo fiel por meio de ações e operações de construção de sentido religioso, em interação com o sistema católico online para a busca de uma experiência religiosa. Nesse sentido, são operações que remetem ao sagrado e que têm um elemento comunicativo implícito (cf. PEIRANO, 2003). Por isso, não são apenas uma performance complexa de atos simbólicos, mas também são, eles próprios, um símbolo representado que remete para um além. Essas operações não são apenas formas de lidar com o sagrado digital disponível na Internet, mas, em nível mais geral, verdadeiras formas de pensamento e de existência na era das mídias digitais.

Por outro lado, antes mesmo de qualquer interação online possível entre fiel-sistema nos rituais online, existem elementos técnicos e simbólicos que moldam esse vínculo e colaboram na construção do sentido religioso dessa experiência de fé. Ocorre, portanto, a interposição da técnica na interação entre fiel e o sagrado, por exemplo, pela presença de uma tela (de computador, celular, leitores digitais etc.) e de periféricos de contato. Em uma interação fiel-sistema, por conseguinte, o sagrado que é acessado pelo fiel passa por diversos níveis de *codificação* pelo sistema. Ou seja, a interação é possibilitada porque o fiel decodifica o sagrado a partir de sua configuração computacional ofertada pelo sistema. Por meio de instrumentos e aparatos físicos (tela, teclado, mouse) e simbólicos presentes na linguagem computacional e online (navegadores, menus, ambientes), o fiel “manipula” o sagrado ofertado e organizado pelo sistema e navega pelos seus meandros da forma como preferir, uma gramática de ações em “um campo de possibilidades cujas proporções são suficientemente grandes para dar a impressão de infinitude” (SANTAELLA, 2004, p.163).

É o que chamamos de *interface interacional*, ou seja, o *código simbólico que possibilita a interação* e também a *superfície de contato simbólico entre fiel-sistema-sagrado*. Dessa forma, a Internet, convertida em mídia, se oferece e se apresenta como mediação ao sagrado. Assim, é por meio da interface que o fiel interage com o sistema: este informa ao usuário seus limites e possibilidades, e aquele comunica ao sistema suas intenções: o sistema não apenas indica ao fiel uma forma de ler o sagrado, mas também uma forma de *lidar com* o sagrado.

Essa “forma de lidar” raramente é neutra ou automática: ela carrega consigo sentidos e afeta a mensagem transmitida. A interface oferecida pelo sistema molda, dentro de seus limites, a forma como o fiel pode interpretar os símbolos religiosos acessados pela Internet e também fornece linhas pré-determinadas de decodificação do sentido religioso desses símbolos ao organizá-los de determinada forma, como no layout das páginas e em seus menus. Como sintetiza Scolari (2004, p.239, tradução nossa), “cremos usar as interfaces, mas na realidade também elas estão nos modelando”. Assim, “longe de ser uma janela transparente para as informações de dentro de um computador [ou da Internet], a interface traz consigo fortes mensagens de si mesma” (MANOVICH, 2000, p.65, tradução nossa). Porém, a ativação dessas propriedades ocorre apenas a partir do “clique” do usuário: é ele que *faz funcionar* a interface, é ele que a *atualiza* a partir de seus usos e apropriações. Sem ele, a interface só existe virtualmente. Em suma, a questão é que “a navegação responde às nossas escolhas” (SANTAELLA, 2003, p.93).

Nessa perspectiva, os dois tipos de interface interacional – tecnológica e simbólica – orientam a leitura e a construção de sentido, e a experiência religiosa do fiel. Analisaremos agora aqueles elementos tecnológicos e simbólicos que estão a serviço das interações propriamente ditas que ocorrem no interior do sistema católico online. Faremos esse estudo a partir de quatro níveis de interface interacional: a tela; periféricos como teclado e mouse; a estrutura organizacional dos conteúdos; e a composição gráfica das páginas dos rituais online católicos.

3 A tela

Em um primeiro nível de interface interacional, o fiel interage com o sistema por meio de uma tela. Conectada à rede, essa tela torna-se uma janela de acesso a lugares distantes: é por meio dela que o sistema *fala e mostra* ao fiel, e, por meio dela, o fiel *imerge* nesse “amplo mar” de navegação. A tela também exige a total atenção do usuário ao que se encontra dentro de sua moldura, ignorando o espaço físico “do lado de fora”: nesse sentido, ela filtra e torna inexistente tudo o que não se encontra dentro do seu marco. Além desse marco, outras janelas internas – dos programas e demais aplicativos do computador – emolduram um determinado conteúdo, separando-o dos demais dentro da tela. Em seu interior, a tela é um somatório de janelas, cada uma remetendo a um “mundo” diferente, em que o usuário é convocado a fazer coisas diferentes: cabe a ele saber gerir essas ofertas, concedendo-as a importância e a relevância que lhe pareça mais apropriada.

Diante de uma tela, o fiel concede ao sistema a “permissão” de dirigir o seu olhar pelos meandros do sagrado. Diferentemente de uma igreja territorializada, por exemplo, em que temos uma visão abrangente do todo e aos poucos vamos dirigindo nosso olhar ao que mais nos atrai, o fiel conectado ao sistema olha para aquilo que este lhe permite ver, hierarquizado de acordo com os enquadramentos oferecidos pelo sistema.

Indo além, em determinados ambientes online, a tela não é apenas uma janela: é também um portal de entrada para um outro ambiente, totalmente digital. Esse é o caso da “Peregrinação Virtual”⁵ do site A12⁶, em que o fiel-internauta pode “peregrinar virtualmente pelo Santuário Nacional de Aparecida e pelos principais pontos da cidade que o fará meditar a fé e devoção na Padroeira do Brasil” (ver Figura 1).

⁵ Disponível em <http://www.a12.com/santuário/multimidia/peregrinacao_virtual.asp>.

⁶ O site A12 é a página oficial do Santuário Nacional de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, também conhecido como Basílica de Nossa Senhora Aparecida, localizado em Aparecida, São Paulo. O site A12 reúne informações da Rede Aparecida, composta pelo Santuário Nacional, pela Rádio e TV Aparecida e pela Editora Santuário, administrados pela Congregação do Santíssimo Redentor (Redentoristas) e pela Arquidiocese de Aparecida. Segundo dados oficiais, o portal A12 possui mais de mais de 3 milhões de pageviews por mês e recebe 21.530 visitantes únicos por dia.

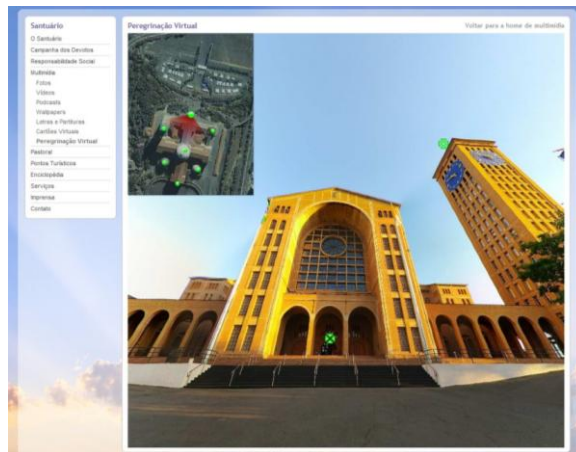


Figura 1 – Ritual "Peregrinação Virtual" do site A12

A tela também se torna uma janela de acesso ao sagrado, por exemplo, no ritual de "Adoração ao Santíssimo" da "Capela Virtual"⁷ do site das Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus⁸ (ver Figura 2).



Figura 2 - Página do ritual "Adoração ao Santíssimo" do site das Apóstolas

Nesse ambiente, após uma animação automática que exhibe o acendimento das velas e a abertura da portinhola do sacrário, o sistema mostra ao fiel uma imagem do espaço físico de uma capela do mundo offline, com bancos vazios, um tapete vermelho que cobre o piso, a luz do sol que entra pelas janelas à direita, quadros sagrados na parede à esquerda, e, à frente, o altar com velas, flores e o ostensório que exhibe a hóstia consagrada. Diante dessa tela, o fiel concede ao sistema a "permissão" de dirigir o seu olhar, em "adoração", à hóstia. Dessa forma, o fiel conectado ao sistema olha para aquilo que este lhe permite ver – e totalmente a sós, como indicam os bancos vazios.

Em ambos os casos, os ambientes digital e físico parecem coincidir, visto que o fiel se *sente presente no santuário e na capela*, e a técnica *deve transparecer* para o usuário, para que sua *sensação de sagrado* seja mais efetiva. Assim, a tela "desaparece" para o fiel: ele só vê o (e só se vê no) ambiente online. Somada ao sistema de som do computador, a tela torna ainda mais realista essa sensação, com sons ambientes ou músicas sacras, que remetem a um ambiente religioso e

⁷ Disponível em <<http://www.apostolas-pr.org.br/capela/capela.htm>>.

⁸ O site da Província do Paraná do Instituto das Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus reúne conteúdos sobre a congregação fundada por Clélia Merloni, em 1894. A Província do Paraná abrange os estados do PR, SC, RS, MS e quatro países da América Latina: Argentina, Chile, Paraguai e Uruguai.

envolvem a oração do fiel. Por outro lado, essa reconstrução simbólica do ritual religioso alimenta a sensação de sagrado, já que o fiel não apenas se sente naquele ambiente, mas também sente (vendo, ouvindo, “apalpando” etc.) o sagrado por meio das processualidades comunicacionais. Quanto mais eficaz for essa sensação, mais transparente é a técnica, e mais eficiente é a interface comunicacional.

4 Os periféricos

Em um segundo nível, analisamos a interação possibilitada com a ajuda dos demais periféricos, como teclado e mouse. Por meio dessa interface, o computador se torna “um ser inteligente capaz de se engajar conosco em diálogo” (MANOVICH, 2000, p.94, tradução nossa): é por meio deles que o fiel *se comunica* com o sistema e *manifesta a sua presença* em seu interior. Como vimos nos exemplos anteriores, o teclado e o mouse permitem que o fiel tenha um nível de interação ainda maior com o santuário digital do que apenas com a tela: é por meio das teclas desses periféricos que o usuário pode indicar ao sistema o que deseja fazer, como abrir novas páginas e navegar por essa ambiência online. Assim, o cursor do mouse indicado na tela – nos conteúdos em geral, sob a forma de uma seta, ou sobre os links, em que o símbolo usado para indicar o cursor é uma imitação de uma mão com o dedo indicador esticado – é uma espécie de extensão do tato na ambiência digital, possibilitando ao fiel-internauta a sua interação com os objetos digitalizados.

Mas, no fundo, o que significa, por parte do fiel, pressionar uma tecla para acessar determinado conteúdo dos sites? Poder-se-ia dizer que o internauta, nesse caso, toma uma decisão, faz uma escolha, e, portanto, é *livre*. Entretanto, ao pressionar determinada tecla, ao selecionar determinado link, o fiel desencadeia um processo que já estava *programado pelo programa*, ou *sistematizado pelo sistema*, ou seja, é uma opção pré-definida pelo sistema católico online. Não é uma decisão tão livre assim, já que é tomada dentro dos limites do sistema, de acordo com as suas regulações. É uma liberdade programada, uma escolha de possibilidades prescritas (cf. FLUSSER, 2010). Embora com uma oferta de opções virtualmente infinitas (links que levam a links que levam a outros links e assim indefinidamente), o fiel sempre estará dentro dos limites (e das limitações) do sistema comunicacional católico online – e, em um nível mais amplo, dentro dos limites macrossistema Internet.

Aqui também, durante a experiência religiosa online do fiel, a técnica *transparece* para o usuário: por não poder se ocupar de incontáveis tarefas ao mesmo tempo, o fiel-internauta precisa automatizar alguma(s) delas para que outra(s) possam ser controladas eficientemente. Se o fiel-internauta se concentra na leitura de uma oração ou na assistência de uma missa online, o movimento da mão sobre o teclado e o mouse se automatiza, e a técnica (neste caso, a interface) novamente “desaparece” para o usuário. Por meio da radicalização do *sensorium* digital, tela e periféricos tornam-se, assim, uma extensão do corpo (do tato, da visão etc.) no ambiente digital.

5 Estrutura organizacional dos conteúdos

Em um terceiro nível de interface interacional, analisaremos a organização e a estrutura dos conteúdos do sagrado ofertados ao fiel-usuário. Essa estruturação, primeiramente, só é possível graças aos programas computacionais específicos que permitem o acesso à Internet. A partir deles, a gramática da interface computacional foi se compondo por – e cada vez mais se cristaliza em – “menus”, ou seja, catálogos com opções que direcionam o usuário a outros programas, aplicativos e links da Internet.

Como quaisquer outros sites da Internet, as páginas católicas são marcadas também por essa estrutura organizacional de menu-catálogo, que permite a seleção e o acesso a itens

específicos dentro de um grande banco de dados: por meio dessa estrutura, o sistema indica ao fiel um *mapa de navegação*, e o fiel, *interpretando-o de acordo com seus desejos e interesses*, navega no seu interior. Por isso, a imagem da navegação é rica: em alto mar, tomam-se decisões frequentemente, devido ao balanço do mar, à direção do vento, à resposta do barco etc. Ou ainda é possível ir ao encontro de inúmeras gotas de informação “do mesmo oceano mundial de signos flutuantes” (LÉVY, 2003, p.202). Ou seja, o fiel recebe do sistema uma certa influência sobre o acesso à informação e um certo grau de controle sobre os resultados a serem obtidos (cf. SANTAELLA, 2003). Em suma, o que o fiel faz é escolher e selecionar determinadas coisas em um número pré-definido de menus.

No site do Pe. Reginaldo Manzotti⁹, no menu à esquerda da página (indicado pelo cabeçalho “Menu”, reforçando a ideia de catálogo de opções), constam temas gerais que não são links: são uma forma de organizar os conteúdos que se encontram “dentro” dessas opções. Ao passar o mouse sobre elas, abre-se uma nova janela menor sobre a página do site indicando as demais subopções (agora sim links) referentes a esse tema (ver Figura 3).

Menu:	
Pe. Reginaldo Manzotti	
Canais do Site	
Capela Virtual	Bíblia Virtual Novena Virtual Oração e Conforto Pedido de Oração Vela Virtual
Rádio e TV	
Santa Sé	
Arquidiocese de Curitiba	

Figura 3 - Detalhe do menu do site do Pe. Manzotti

Essa é uma forma de organizar e hierarquizar os conteúdos sem a necessidade de apresentar todos os links de uma vez só. Estão disponíveis, portanto, os seguintes temas, nesta ordem, de cima para baixo: “Pe. Reginaldo Manzotti” (com links referentes à vida e à obra do sacerdote), “Canais do Site” (um “mapa geral” do site), “Capela Virtual”, “Rádio e TV”, “Santa Sé” (links externos que remetem a sites do Vaticano), “Arquidiocese de Curitiba”, “Associação Evangelizar”, “Paróquia Guadalupe”, “O Padre Recomenda” (links externos) e “Parceiros na Evangelização” (links externos de demais parceiros). Assim, o menu do portal serve para reforçar, hierarquicamente, a sua *institucionalidade* – o site se afirma em diversas partes como sendo do Pe. Manzotti e faz referência a si próprio, ou seja, é *autorreferente e recursivo* – e a sua *relacionalidade* – o sistema é um mediador entre o fiel e demais instituições da Igreja (como a Santa Sé, a arquidiocese de Curitiba, os “Parceiros na Evangelização” etc.).

Além de ser uma forma de organizar o conteúdo interno, a composição temática dos menus escolhida pelo sistema é também uma forma de hierarquizar seus conteúdos de acordo com uma certa estrutura, colocando mais à esquerda ou mais acima os conteúdos considerados mais importantes pelo sistema, na tentativa de direcionar, assim, a seleção que será feita pelo internauta.

⁹ Disponível em <www.padrereginaldomanzotti.org.br>. O Pe. Reginaldo Manzotti é o fundador da Associação Evangelizar é Preciso, movimento católico de ação evangelizadora. Manzotti também é diretor da Rádio Evangelizar AM 1060 de Curitiba. É também vigário episcopal da Arquidiocese de Curitiba, responsável por 55 paróquias, e pároco da Igreja Nossa Senhora do Guadalupe. Seu portal na Internet, segundo dados de sua própria página, recebe 400 mil acessos mensalmente. Manzotti é autor de cinco livros, já lançou oito CDs, “sendo três discos de ouro e dois DVDs”, tendo recebido o apelido de “o padre que arrasta multidões”.

A oferta de sagrado se torna uma opção dentre inúmeras outras. Ela fica subordinada ou subordina determinadas opções.

O fiel, portanto, se encontra diante de uma *lógica da seleção*, que leva a uma nova forma de controle por parte do sistema. Como indica Manovich (2000, p.224, tradução nossa), “a era do computador trouxe consigo um novo algoritmo cultural: realidade → mídia → dados → banco de dados”. Para o autor, a noção de banco de dados (*database*) como coleção estruturada de dados é fundamental para compreender o fenômeno da digitalização. Dessa forma, o que os computadores permitem (e a rede complexifica ainda mais) é uma *determinada forma de organizar* os conteúdos, promovendo que os dados sejam buscados e encontrados rapidamente. Na Internet, o banco de dados é uma forma cultural, que nos ajuda a compreender como o fiel-usuário se relaciona com essas coleções de dados e seus menus de oferta: visualizando-os, navegando entre eles, procurando-os, selecionando-os.

6 Composição gráfica

Em um quarto nível de interface interacional, analisaremos a composição gráfica das páginas referentes especificamente aos serviços religiosos dos sites católicos. Nesse nível, ocorre a transmutação de elementos do sagrado do mundo offline para a Internet: isto é, imagens, fotos e vídeos do sagrado offline que são digitalizados e ressignificados para o ambiente online. E também a composição digital de elementos do sagrado ou uma combinação de elementos digitais e não digitais do sagrado, off e online, elementos do mundo externo e elementos gerados no computador. O que é comum a todos esses elementos – e a tudo o que faz parte do mundo digital online – é a sua fluidez: tudo pode ser modificado, substituído ou simplesmente deletado do sistema com um simples comando computacional.

A “Capela Virtual” do site das Apóstolas produz uma sensação de sagrado por meio de animações como a do ritual “Adoração do Santíssimo”, analisado anteriormente, em que o sistema oferece ao fiel uma ambiência digitalizada de solidão, quietude, em que o sol brilha, as velas se acendem, a hóstia se revela automaticamente com o acesso do fiel: *Deus se oferece privadamente* a ele. Essa construção simbólica faz com que o fiel se abstraia da técnica comunicacional e perceba apenas o que está vivenciando no ambiente online.

Já na “Capela Virtual” do site A12¹⁰, assim que se acessa a página, uma imagem de Nossa Senhora Aparecida surge automaticamente, em um movimento de em zoom crescente, do fundo do quadro da “Capela Virtual”, até preencher o centro dessa moldura (ver Figura 4).



Figura 4 - Página inicial da "Capela Virtual" do site A12

¹⁰ Disponível em <<http://www.a12.com/santuاريو/capela/default.asp>>.

Uma aura de brilho acompanha a imagem animada, enquanto cinco mãos surgem da parte inferior da imagem (como se saíssem do meio dos fiéis), direcionadas à imagem. Ao pairar sobre as mãos, a imagem derrama pontos de luz sobre elas, remetendo às bênçãos e graças que “descem” da santa. Em comparação aos casos anteriores, o sistema, agora, faz uso de novas processualidades e de um texto mais complexo para fomentar a sensação de sagrado por parte do fiel, dizendo-lhe que a “capela virtual” é um ambiente em que Nossa Senhora Aparecida se faz presente e se coloca acima de nós para “derramar” suas bênçãos.

No caso da opção “Vela Virtual”¹¹ da Capela, para acender a sua vela, o fiel é convidado pelo sistema a preencher um formulário (nome, e-mail, cidade, estado e intenção), escolhendo se permite que a oração se torne pública ou se quer enviar a vela também para um amigo. Depois de acionar a opção “Acender vela”, a imagem da vela que antes aparecia apagada, agora é acesa por meio de uma animação de um palito de fósforo que se aproxima do pavio e o acende (ver Figura 5)



Figura 5 - Ritual "Vela Virtual" do site A12

Chama a atenção o caso da “Capela Virtual” das Apóstolas (ver Figura 6), em que, ao se acessar as velas acesas, as imagens das velas mais antigas aparecem já “consumidas” pelo tempo.



Figura 6 - Detalhe das velas "consumidas pelo tempo" no site das Apóstolas

Assim se reconstrói a sensação de presença do fiel diante do sagrado, pois as “velas virtuais”, à semelhança das velas de cera, também “derretem” e vão se consumindo com o passar dos dias, até que sejam finalmente retiradas do sistema.

Em geral, portanto, é interessante perceber como, por meio da composição gráfica da interface interacional, o fiel se relaciona com elementos de sagrado codificados e digitalizados, ressignificados para o ambiente online: se relaciona, em suma, com números. Retomando Morin (1997), o sagrado em bits pode ser considerado como um subtratamento, um subproduto do sagrado dos ambientes offline, visto que sua totalidade (em termos de *sensorium*) é deixada de lado. Assim, a técnica digital interpõe-se na experiência multissensorial do sagrado do ambiente offline, reduzindo-o a bits, a cacos. E “os bits fazem com que a matéria seja mais maleável do que os átomos”

¹¹ Apenas a título de ilustração da grande utilização do serviço por parte dos fiéis, no dia 9 de agosto de 2011, estavam acesas no sistema mais de 52 mil velas. Somente nesse dia, foram acesas mais de 3.200 velas pelos fiéis.

(KERCKHOVE, 1999, p.18). Justamente por isso, a tentativa do sistema é a de radicalizar ao máximo a sensação de sagrado, fazendo uso de todas as possibilidades do *sensorium* digital.

7 Pistas de conclusão

Como vimos, as mídias digitais online passam a ser ambientes de experiência da fé católica a partir de estratégias permeadas por lógicas e operações midiáticas. Assim, a Internet passa a ser uma plataforma virtual para a construção de novos gêneros de experiência religiosa. Manifesta-se, assim, não apenas uma liturgia assistida pela mídia, mas também uma liturgia centrada, vivida, praticada e experienciada pela mídia, em que esta também oferece modelos para as práticas, para o espaço e para o imaginário litúrgicos. Os fiéis buscam nessa sensação – imaginada e criada digital e interfacialmente – uma forma de experienciar o sagrado de forma mais instantânea e acessível do que os rituais territorializados e os elementos “concretos” do “mundo real”.

E é por meio da interface interacional, aqui analisada em seus níveis tecnológicos e simbólicos, que ocorrem a construção de sentido e a experiência religiosa do fiel. A interface indica ao usuário seus limites e possibilidades com relação ao sistema, e aquele, por meio da interface, comunica ao sistema suas intenções: assim, o sistema não apenas oferece ao fiel uma forma de ler o sagrado, mas também uma forma de *lidar* com o sagrado. Os elementos tecnológicos e simbólicos que estão a serviço dessas interações, portanto, foram por nós estruturados em quatro níveis: a tela; periféricos; a estrutura organizacional; e a composição gráfica dos sites.

Assim, o que podemos perceber é que a fé digital traz consigo uma *materialidade* totalmente própria, numérica, de dígitos, que podem ser alterados, deletados, recombinados de acordo com a vontade do sistema, embora com resquícios de uma religiosidade pré-midiática, como a “adoração ao Santíssimo”, por exemplo, que manifestam que a complexidade da técnica não pressupõe o abandono de tradições discursivas. Porém, elas são ressignificadas: na “capela virtual”, o sol sempre brilha, as flores sempre estão abertas, vivas e coloridas, as velas até se acendem sozinhas, e a cerimônia inicia assim que o fiel entra (adeus, preocupação com o atraso!). Algumas velas digitais também se “consomem” e até mesmo diminuem de tamanho com o passar dos dias, e não há mais os “incômodos” da cera derretida, dos vapores e fumaças, dos riscos de incêndio.

Em vez de uma “desintermediação” ou de uma relação “direta” com Deus (“face a face”, o fiel se depara – embora sem perceber – com novas intermediações – até mesmo *reintermediações* – com o sagrado: agora, o sistema e seus protocolos se colocam como novas camadas “intermediatórias” entre o fiel e o sagrado. Nesse contexto, retomando a carta de Paulo aos coríntios, embora a sensação do fiel seja a de ver Deus “face a face” por meio da Internet, ele continua vendo “como por um espelho, tela, teclado, mouse etc.”. Se antes o fiel fazia uso de uma vela, de um templo e dos protocolos da instituição para fazer seu ritual de oração, hoje se acrescentam novas camadas tecnocomunicacionais (aparatos como computador, teclado, mouse, interfaces, fluxos de interação comunicacional etc.) intermediatórias, acionadas pelo próprio fiel e por exigência do sistema.

Porém, toda essa racionalidade que se constrói a partir dessas novas práticas de sentido passam despercebidas pelo fiel, reforçando a *transparência* da técnica: a sensação de sagrado construída pelo sistema alimenta (ou reforça) a crença de que o fiel está *diante* da (e apenas da) “face” de Deus, não vendo o “espelho”. E essa construção simbólica se dá por meio de códigos binários (bits), que buscam substituir digitalmente a vivência e a experiência do sagrado, códigos fluidos, suaves, *soft* (e por isso *software*), que podem ser reconstruídos e alterados constantemente de acordo com os interesses do sistema e do fiel-internauta. Assim, o ser humano, historicamente e simbolicamente, substituiu o sentido do sagrado pelo fogo, do fogo pela vela, e da vela pela “vela

virtual”, hoje. Criando esses novos símbolos e ressignificando outros para o ambiente online, busca-se uma nova “mediação” entre ser humano e mundo, para poder dar-lhes sentido.

Assim, vão ocorrendo microalterações da fé, marcada por essa hibridização com o “não humano” das tecnologias comunicacionais digitais. Disso, nasce uma outra religião, a partir das interações entre o fiel e o sistema católico online digital. Nem a técnica (internet) determina o humano (religião), nem o humano determina a técnica: é a indeterminação do devir dessa interação que merece análise posterior, ou seja, os processos pelos quais os sujeitos se apropriam dos modos de existência através dos quais as técnicas são oferecidas, em uma coevolução dos predicados comunicacionais e religiosos.

Referências bibliográficas

- BERTALANFFY, Ludwig von. **Teoria Geral dos Sistemas**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1977.
- BOFF, Leonardo. **Experimentar Deus: A Transparência de Todas as Coisas**. Campinas: Verus, 2002.
- CARVAJAL, Pablo Ignacio Aburto. La Basílica de Guadalupe en la Internet: La Difusión de las Prácticas Religiosas en la Era de las Tecnologías de Información. **Revista Arbitrada en Ciencias Sociales y Humanidades – Renglones**, Guadalajara, nº. 61, set. 2009-mar. 2010, p.27-36. Disponível em: <<http://migre.me/4zX7f>>. Último acesso em 9 ago. 2011.
- DAWSON, Lorne L.; COWAN, Douglas E. **Religion Online: Finding Faith on the Internet**. Nova York: Routledge, 2004.
- FLUSSER, Vilém. **O Mundo Codificado: Por uma Filosofia do Design e da Comunicação**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- KERCKHOVE, Derrick de. **A Pele da Cultura: Investigando uma Nova Realidade Eletrônica**. São Paulo: Anablume, 2009.
- LIBANIO, João Batista. **A Religião no Início do Milênio**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- LÉVY, Pierre. A Revolução Contemporânea em Matéria de Comunicação. In: MARTINS, Francisco M.; SILVA, Juremir M. da (orgs.). **Para Navegar no Século XXI: Tecnologias do Imaginário e Cibercultura**. 3ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2003, p.183-204.
- MANOVICH, Lev. **The Language of New Media**. London: The MIT Press, 2000.
- MARTELLI, Stefano. **A Religião na Sociedade Pós-Moderna: Entre Secularização e Dessecularização**. São Paulo: Paulinas, 1995.
- MORIN, Edgar. **O Método 1: A Natureza da Natureza**. 3ª ed. Lisboa: Publicações Europa-América, 1997.
- O’LEARY, Stephen D. Cyberspace as Sacred Space: Communicating Religion on Computer Networks. In: DAWSON, Lorne L.; COWAN, Douglas E. **Religion Online: Finding Faith on the Internet**. Nova York: Routledge, 2004, p.37-58.
- PEIRANO, Mariza G.S. **Rituais Ontem e Hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2003.
- SANTAELLA, Lucia. Substratos da Cibercultura. In: **Culturas e Artes do Pós-Humano: Da Cultura das Mídias à Cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.
- _____. **Navegar no Ciberespaço: O Perfil Cognitivo do Leitor Imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004.
- SCOLARI, Carlos. **Hacer Clic: Hacia una Sociosemiótica de las Interacciones Digitales**. Barcelona: Gedisa, 2004.
- YOUNG, Glenn. Reading and Praying Online: The Continuity of Religion Online and Online Religion in Internet Christianity. In: DAWSON, Lorne L.; COWAN, Douglas E. **Religion Online: Finding Faith on the Internet**. Nova York: Routledge, 2004, p.93-106.